

# A TRADUÇÃO DOS SEMINÁRIOS DE JACQUES LACAN

## THE TRANSLATION OF JACQUES LACAN'S SEMINARS

**Patrícia Chittoni Ramos Reuillard\***

---

### RESUMO

Este artigo objetiva mostrar algumas das dificuldades levantadas pela tradução dos textos de Jacques Lacan. Buscando compreender que repercussões seu percurso teórico pode ter sobre a constituição de seus textos, traça, na primeira parte, um breve histórico da trajetória do psicanalista francês e da construção de sua obra e debruça-se sobre as questões de sua transcrição e estabelecimento. Em um segundo momento, o artigo detém-se no estilo lacaniano, especialmente nos *Seminários*, marcados por uma série de especificidades que o colocam na fronteira do discurso especializado e não-especializado: linguagem oral, variação de registros, recursos de linguagem, entre outros. A terceira parte dedica-se a mostrar o papel do significante no construto psicanalítico e sua apropriação pelo teórico para materializar sua teoria. Por fim, para ilustrar as dificuldades com que se depara o profissional da tradução que se depara com tais textos, a quarta e última parte apresenta uma amostra das criações lexicais de Lacan, classificadas quanto à sua formação e função. Esta pequena seleção permite visualizar não só os problemas enfrentados, mas também salienta a exigência de uma interlocução cada vez maior entre psicanalistas e tradutores para que a tradução dessa obra atinja seus objetivos de transmissão.

**Palavras-chave:** psicanálise lacaniana. tradução. neologismos.

### RÉSUMÉ

Le présent article tente de mettre à jour certaines difficultés observées dans la traduction des textes du psychanalyste français Jacques Lacan. Dans le but de comprendre les répercussions de son parcours théorique sur la constitution de ses textes, la première partie de ce travail retrace un bref historique de sa trajectoire pour réfléchir aux questions de la transcription et de l'établissement de son œuvre. La deuxième partie se penche sur les spécificités qui marquent notamment les *Séminaires* et situent le style lacanien à la frontière entre le discours spécialisé et le discours non spécialisé : langage oral, variation de registres, ressources de langage, entre autres. Dans la troisième partie, l'accent est mis sur le rôle du signifiant dans la construction psychanalytique et son appropriation par l'auteur pour matérialiser sa théorie. Pour illustrer les difficultés auxquelles doit faire face le professionnel de la traduction, la quatrième et dernière partie présente finalement un échantillonnage des

---

\*. UFRGS, Porto Alegre (RS), Brasil. patricia.ramos@ufrgs.br

créations lexicales de Lacan, classées du point de vue de leur formation et de leur fonction. Cette petite sélection ne permet pas seulement de visualiser les problèmes rencontrés, elle montre également la nécessité d'un échange toujours plus grand entre analystes et traducteurs, afin que la traduction de cette œuvre atteigne pleinement ses objectifs de transmission.

**Mots-clés:** psychanalyse lacanienne. traduction. néologismes.

---

A partir de um breve histórico do percurso e da constituição da obra de Jacques Lacan, este artigo busca mostrar a materialização de seu aparato teórico em seus textos, sobretudo os *Seminários*. Para tanto, debruça-se sobre o estilo de Lacan, suas principais características, apresentando uma amostra de neologismos – a partir de uma pesquisa anterior (REUILLARD, 2007) – criados ao longo da trajetória desse psicanalista. Com essa ilustração, pretendemos evidenciar as dificuldades de tradução que o profissional de nossa área enfrenta.

## 1. TRAJETÓRIA E OBRA

Jacques Lacan é considerado, hoje, o maior intérprete da teoria freudiana, pois deu a ela “uma estrutura filosófica e a [retirou] de seu ancoramento biológico, sem com isso cair no espiritualismo” (ROUDINESCO e PLON, 1998, p. 445). Para tanto, promoveu um retorno aos textos de Freud e reinterpretou quase todos os conceitos freudianos, assim como os grandes casos, acrescentando ao *corpus* psicanalítico seu próprio aparato conceitual. Seu ensino deu origem a uma nova corrente de pensamento, o lacanismo, na filiação direta do freudismo.

Lacan fez, inicialmente, estudos de medicina e se especializou em neurologia e psiquiatria, defendendo, em 1932, a tese *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade*, sobre um caso de erotomania e de paranóia de autopunição, conhecido como o caso Aimée. Foi por intermédio da psicose, com os estudos sobre o narcisismo, que Lacan entrou na psicanálise (VANIÉR, 2000, p. 29). A esses estudos associou um interesse pelas Letras, pela Filosofia – estudou em profundidade Hegel e Heidegger e seguiu os *Seminários* dos filósofos Alexandre Kojève e Alexandre Koyré –, pela Matemática, Lógica, Arte, além de ter frequentado os surrealistas.

Nos dez anos em que ministrou seminários no Hospital Sainte Anne (de 1953 a 1963), comentou sistematicamente todos os grandes textos do *corpus* freudiano: buscava conferir cientificidade à Psicanálise, apoiando-se essencialmente na Linguística, tal como proposta por Ferdinand de Saussure, e nos trabalhos

antropológicos de Claude Lévi-Strauss sobre as estruturas elementares do parentesco. É o que confirmam Chemama e Vandermersch (1998, p. 190):

É apoiando-se nas formulações da Linguística de F. de Saussure e de R. de Jakobson que Lacan mostra que podem ser encontrados, nas leis que regem o inconsciente, os efeitos essenciais que se descobrem no nível da cadeia do discurso efetivo: o inconsciente é estruturado como uma linguagem, o que não significa como uma língua.<sup>1</sup>

Deve-se distinguir, na obra de Lacan, os textos escritos e publicados em vida – oriundos em geral de conferências – e as obras estabelecidas a partir de uma transcrição, ou seja, a partir “[...] do que foi ouvido do que Lacan disse ou, mais precisamente, do que foi lido como tendo sido texto naquilo que foi ouvido” (ARNOUX, 1984, p. 79).

Dentre os primeiros, encontram-se os *Escritos*: 34 artigos reunidos pelo editor François Wahl e publicados em 1966, após vencer a resistência de Lacan: “esse homem genial manifestava uma espécie de terror à idéia de que sua obra pudesse escapar à interpretação que ele próprio queria lhe dar. Assim só aceitava ver o traço escrito de sua fala no círculo restrito das instituições e das revistas freudianas.” (ROUDINESCO, 1994, p. 324),

Assim foi até encontrar Wahl: paciente, ouvinte do *Seminário* e interlocutor intelectual, o editor “reunia todas as qualidades para vencer as fobias de Lacan e fazê-lo parir sua grande obra escrita.” (ROUDINESCO, 1994, p. 326). A partir de 1965, Lacan e Wahl passam a trabalhar juntos na publicação dos *Escritos*. O editor criou uma pontuação para os textos e fez uma série de modificações – sempre com o consentimento de Lacan – para torná-los mais legíveis. O título foi escolhido por Lacan, para distinguir a obra escrita da obra falada dos *Seminários*.

Quanto aos *Seminários*, foram e continuam sendo motivo de controvérsia, passados quase trinta anos de sua morte. O principal motivo de divergência diz respeito ao estabelecimento do texto a partir das transcrições. Porém, as dificuldades do estabelecimento do texto e da tradução da obra lacaniana começam bem antes de sua publicação. As especificidades da transcrição e a maneira como o próprio Lacan se serve da linguagem vão repercutir sobre o estabelecimento do texto, oficial ou não. Para ajudar a compreender melhor esta problemática, abordaremos brevemente a gênese desses textos.

De 1951 a 1980, Lacan ministrou vinte e cinco *Seminários* orais. Nos dois primeiros anos, ocorriam na Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP); posteriormente, na Sociedade Francesa de Psicanálise (SFP), por ele fundada em 1953; em 1964, ano

---

1. As traduções das citações em língua estrangeira são responsabilidade da autora deste artigo.

da dissolução da SFP devido a divergências internas, os *Seminários* se transferiram para a *École Normale Supérieure*, onde passaram a ser públicos. De 1969 até sua morte, em 1981, serão ministrados na Faculdade de Direito.

Para seus *Seminários*, Lacan não trazia textos preparados, mas notas e esquemas que desenvolvia oralmente. Dos dois primeiros *Seminários* – *L’Homme aux Loups* (1951-1952) e *L’Homme aux Rats* (1952-1953) – não há nenhuma transcrição, apenas suas notas e de alguns dos ouvintes. Em 1953, a transcrição passou a ser estenografada e, a partir do Seminário VI, *Le désir et son interprétation*, começa-se a proceder a uma gravação magnética, mas é somente a partir de 1969 que se dispõe de gravações completas e, concomitantemente, havia as anotações dos participantes. Portanto, nos primeiros anos circulavam, com o conhecimento de Lacan, várias versões dos *Seminários*.

Em 1972, contudo, Lacan instituiu legalmente seu genro, Jacques-Alain Miller, como co-autor e responsável pelo estabelecimento e publicação dos *Seminários*, tornando ilegais todas as demais versões em circulação, até então vendidas em livrarias e congressos da *École Freudienne de Paris* (ROUDINESCO, 1994, p. 415). Em 1980, pouco antes de sua morte, Lacan nomeia Miller o executor testamentário de sua obra publicada e não-publicada, mas não deixa instruções sobre sua apresentação.

A análise desse material, assim como de outros textos de Lacan transcritos de conferências ou entrevistas, revela alguns problemas ligados a essas transcrições, decorrentes da própria situação de enunciação: qualidade das gravações magnéticas, (in) fidelidade da estenotipia, notas dos ouvintes, interpretação, entre outros.

## 2. O ESTILO DE JACQUES LACAN

Os *Seminários* de Jacques Lacan apresentam uma série de peculiaridades que tornam difícil sua caracterização. Se, por um lado, não se questionam seu rigor científico e aparato conceitual, por outro, sua sintaxe complexa escapa à apresentação habitual dos textos científicos. De fato, ele parece “mimetizar” a linguagem do inconsciente, que se manifesta *em* e *no* significante. Qualificando-se de “gongórico”, o próprio Lacan (2002, p. 61) afirma ter a impressão: “de que a linguagem é verdadeiramente o que só pode avançar torcendo-se e enrolando-se, contornando-se de uma maneira da qual não posso dizer que não dou aqui o exemplo.”

Ao descrever o texto de Lacan, Althusser (apud ROUDINESCO e PLON, 1998, p. 450) afirmou que o psicanalista “dá, na retórica de sua fala, o equivalente mimético da linguagem do inconsciente, que é, como todos sabemos, em sua

essência última, Witz, trocadilho, metáfora, bem ou mal sucedida". Essa afirmação pode ser ilustrada com o parágrafo a seguir, extraído do posfácio escrito por Lacan aos *Quatre Concepts Fondamentaux de la Psychanalyse*:

Bref qu'il pourrait y avoir profit pour ce qui est de faire consistant le discours analytique, à ce que je me fie à ce qu'on me relise. Le mettre à l'heure de ma venue à l'École normale n'étant là que prendre note de la fin de mon désert. (LACAN, 1973, p. 309-310).

Haroldo de Campos (1995, p. 179) considera-o um "exímio manipulador da sintaxe francesa até seus extremos limites de diagramação frásica".

Durante a preparação dos *Escritos*, essa dificuldade encontrada pelo leitor de Lacan foi uma das preocupações de François Wahl, que tentou minimizá-la, sem sucesso. De acordo com Roudinesco (1994, p. 330): "Wahl quis às vezes pôr ordem nas subordinadas maneiristas e Lacan não cedeu – era seu estilo, sua sintaxe, sua coisa". Mas, para essa autora (1994, p. 374), foi a partir do *Seminário Le sinthome* (1975-76), dedicado ao comentário da vida e da obra *Finnegans Wake* de James Joyce, que

ele se pôs a escrever e a falar no estilo de *Finnegans Wake*. Era como se, após ter buscado nessa obra a fonte secreta da loucura humana, o próprio Lacan cedesse a um exercício linguageiro da psicose [...]. Assim como Lacan sempre havia imitado, com sua fala, o discurso do inconsciente, assim também, a partir de 1975, ele se apodera da escrita joyciana a ponto de dissolver seu ensino numa língua feita quase que exclusivamente de trocadilhos, alógrafos, palavras-valise e neologismos que não deixavam de lembrar os significantes fundamentais de sua doutrina e de sua história.

Michel Arrivé (1999, p. 201) afirma que "o estilo de Lacan surpreende. Sempre surpreendeu" e retoma os comentários feitos por Edouard Pichon já em 1939: "[...] seria do interesse de todos os psicopatologistas que ele se livrasse de uma certa couraça em que seu espírito se aprisiona: couraça feita ao mesmo tempo de um jargão de seita e de um preciosismo pessoal. Suas obras não se adornam com isso." Também a apreciação de Georges Mounin, no artigo *Alguns traços do estilo de Jacques Lacan*, de 1969, vai nessa direção: "Sua marca mais visível é que ele tem um escrito de cacoetes, e para a maioria dos leitores não pedantes, é um estilo irritante logo de início" (apud ARRIVÉ, 1999, p. 203). O linguista ressalta o preciosismo e o "retorno obstinado da metáfora", mas não deixa de lembrar que a linguagem concebida por Lacan não se confunde com a linguagem tal como a encaram os linguistas, pois "O essencial da diferença está, em resumo, no fato de que a linguagem, 'condição do inconsciente', não é mais do que acessoriamente,

para Lacan, instrumento de comunicação. Acessória e imperfeitamente.” (ARRIVÉ, 1999, p. 209).

Mas nem todos que se debruçam sobre a obra de Lacan partilham dessa opinião:

Seria necessário ainda dizer ao menos uma palavra sobre seu estilo, considerado obscuro. Um dia se perceberá que se trata de um estilo clássico de uma grande beleza, isto é, sem enfeites e regido pelo rigor: é este que é difícil apreender. CHEMAMA e VANDERMERSCH (1998, p. 224)

Outra característica do texto lacaniano demandará atenção particular, a concomitância de registros, coloquial e culto, assim como o apelo a palavras, expressões ou frases em alemão, sem fornecer tradução. Estrangeirismos – em grego, latim ou italiano – também eram usuais nos *Seminários*. A tradutora Oseki-Depré (2004, p. 68) declara que

Neste texto inteiramente “dialógico”, encontram-se, entre outras, sem falar dos diferentes registros, referências a saberes distintos (jurídicos, médicos, filosóficos), citações em língua estrangeira, uma língua repleta de imagens intraduzíveis, que busca no “isso fala” ou nos subentendidos culturais exemplos, ilustrações para sua fala, para os quais a nota do tradutor (a N.T.), “vergonha do tradutor”, é indispensável.

Igualmente frequente é a alusão *in absentia* a nomes da literatura, artes, ciências, a obras científicas, literárias e plásticas de todas as épocas e lugares. O psicanalista Saint-Drôme (1994, p. 166-169) repertoria, por exemplo, oitenta e oito obras citadas apenas no Seminário *L'éthique de la psychanalyse*.

São também recorrentes as frases interrompidas, devido a uma mudança de assunto ou a interferências do auditório. Ao comentar, por exemplo, o Seminário 6, Charles Melman (2002, p. 205), afirma:

Este *Seminário* tem um estilo absolutamente sensacional, pois não se sabe nunca onde está o ponto final das frases, ele é feito de encaixes incessantes, de subordinadas que, sem parar, se desdobram, se completam, não se completam. Creio que não há, em Lacan, equivalentes para esse texto, e essa reticência em pôr um ponto no fim de suas frases está indiscutivelmente ligada, justamente, à suspensão, à colocação em suspensão do sentido tal como, vou esclarecer isso num instante, a topologia propõe.

Jean Allouch (1984, p. 119) esclarece que as diversas transcrições resolvem diferentemente tal problema: algumas indicam a interrupção com sinais tipográficos, outras ignoram a dificuldade, propondo uma nova pontuação, o que se revela um

dos principais problemas relacionados ao processo de transcrição dos *Seminários*. Com efeito, sendo um texto oral, caberá ao ouvinte/transcritor pontuar o texto que transcreve. O próprio Miller (apud LACAN, 1973, p. 308), confessa, na advertência à transcrição do primeiro Seminário por ele estabelecido – *Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse* –, que “O mais escabroso é inventar uma pontuação, já que toda escansão – vírgula, ponto, travessão, parágrafo – decide o sentido”, pois, para pontuar, é preciso interpretar.

Outro problema enfrentado pelos ouvintes dos *Seminários* diz respeito à incompreensão da palavra, expressão ou frase pronunciada, devido a um ruído externo, a pronúncia ou articulação inadequadas. Em outras situações, a dificuldade tange a um desconhecimento ou engano daquele que transcreve. Por exemplo, ao comentar o texto *Alice no País do Espelho*, de Lewis Carroll, Lacan faz referência ao personagem Humpty-Dumpty, transcrito pela estenotipista como *un petit d'un petit*, provavelmente devido ao hábito francês de pronunciar as palavras estrangeiras de acordo com as normas fonéticas dessa língua. Por essa razão, muitas vezes, apenas o ouvinte familiarizado com a temática desenvolvida consegue resgatar a que se refere Lacan. Outros exemplos citados por Arnoux (1984) dão a medida dos problemas dessa ordem criados pela transcrição: a sigla R.S.I., que se refere a *Réel, Symbolique e Imaginaire*, transcrita como *des récits*; ou *petit tas* ao invés de *petit a*.

Todos os documentos escritos e sonoros dos *Seminários* testemunham a grande dificuldade em transcrever o que Lacan dissera, haja vista que cada participante podia ouvir diferentemente o que era dito; a transcrição é o resultado dessas diferentes audições/interpretações. Em outras palavras, os *Seminários* transcritos de Lacan não são necessariamente o que ele disse, pois aquele que teve a tarefa de transcrever fez, sem saber, ou sabendo, escolhas. Cada um seguiu sua inclinação e colocou algo de si, descartando as outras escolhas possíveis e ignorando “... sua parcela de criação no mal-entendido.” (ARNOUX, 1984, p. 80). E essa transcrição “[...] testemunhará, e valerá, no futuro, pelo original, que não existe” (MILLER apud LACAN, 1973).

Desse modo, mesmo que uma frase ou expressão não pareça fazer sentido, os transcritores do texto insistirão na necessidade de manter o significante que julgam ter ouvido do mestre, influenciados que estão por essa sintaxe diferenciada e por esse “delírio do significante” (ROUDINESCO, 1994, p. 394). E será precisamente essa importância atribuída ao significante que o levará a recorrer sem cessar aos processos de criação lexical de sua língua para sustentar seu aparato teórico. Embora a maioria dos neologismos criados se configure como um hápax, sua profusão e inventividade deixam uma marca indelével no discurso psicanalítico.

Uma das razões para explicar essa abundância neológica é avançada por Alves (2003), que salienta a tendência à espontaneidade na língua falada:

Desse modo, o falante, de maneira geralmente inconsciente, vai associando radicais a afixos, compondo novas unidades lexicais a partir de outras já empregadas e atribuindo novos sentidos a unidades já integradas ao acervo lexical de uma língua. Essa espontaneidade não impede, no entanto, que o falante interprete suas eventuais criações e, sobre elas, teça comentários.

Essa reação do falante em relação às suas produções neológicas é denominada auto-interpretação por Sablayrolles (2000, p. 197-199), que afirma que ela pode variar e depender da qualidade e do número dos interpretantes, reais ou imaginários, e até de sua ausência. A presença de um interpretante vai desempenhar, então, um importante papel na elocução e na interpretação que o locutor constrói de sua própria elocução e deixar vestígios: ao perceber que preferiu uma palavra estranha, ele pode interromper sua fala momentaneamente e se interrogar sobre ela; ou se interrogar em voz alta, retificando sua palavra, substituindo-a por outra e decidindo, por fim, explicá-la; pode antecipar as reações ou condenações de seus interpretantes e “pedir indulgência (ou [impô-la] com um belo imperativo): ‘perdoem-me a palavra’”.

Lacan encaixa-se perfeitamente nesse tipo de reação, pois quase sempre acompanha suas criações neológicas, de uma indicação: “il faudra, pour laisser à Jakobson son domaine réservé, forger quelque autre mot. J’appellerai cela la linguisterie”. (LACAN, 1973); de uma “desculpa”: “la signifiante est quelque chose qui s’éventaille, si vous me permettez ce terme, du proverbe à la locution”; ou de uma explicação:

*J’ai annoncé sur l’affiche LE SINTHOME. C’est une façon ancienne d’écrire ce qui a été, ultérieurement, écrit ‘symptôme’. [...] La faute dont c’est l’avantage de mon sinthome de commencer par là. Sin, en anglais, veut dire ça, le péché, la première faute. (LACAN, 1975)*

### 3. O SIGNIFICANTE LACANIANO E OS NEOLOGISMOS

A Psicanálise constitui-se a partir da pressuposição da existência do inconsciente, cuja condição é a linguagem. É porque o ser humano é um ser falante que pode haver um pensamento inconsciente, e é a estrutura de linguagem que permite dar conta da organização desse inconsciente. Ele “se diz sem que prestemos atenção na maioria das vezes e o faz principalmente no nível do ‘duplo sentido’ das palavras, ou melhor, no nível da polissemia dos significantes.” (CHEMAMA, 1998,

p. 225). O método psicanalítico desenvolvido por Freud se interessa particularmente pelas formações do inconsciente – irrupções involuntárias no discurso, de acordo com processos lógicos e internos à linguagem, que permitem demarcar o desejo –, onde conflitos latentes se encontram representados. Tais conflitos são regulados por encadeamentos de linguagem: o lapso, o esquecimento, o ato falho, o chiste e o sonho (CHEMAMA, 1998, p. 396).

A teoria psicanalítica dá, portanto, atenção especial à letra, reexaminando a linguagem e seus elementos formais constitutivos, os significantes. Ao propor uma releitura do texto freudiano, Lacan vai sistematizar essa problemática à luz da linguística saussuriana, de onde extrai o conceito de significante, e das formulações antropológicas de Lévi-Strauss, a partir da noção de estrutura. A esse respeito, Nasio (1992, p. 72) afirma que o conhecido aforismo lacaniano – o inconsciente é estruturado como uma linguagem – nasceu sob a influência da linguística estrutural: como a linguagem respondia muito bem aos critérios que regem uma estrutura, ela se tornou o arquétipo de toda estrutura.

Essa referência à obra saussuriana é explicitada em “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud” (LACAN, 1998, p. 500). Nesse texto, Lacan desfaz a unidade do signo linguístico proposta por Saussure, suprimindo a elipse e invertendo a posição do significante e do significado; insistirá sobre a barra que os separa e reescreverá a fórmula: Significante/Significado. Ao modificar o conceito saussuriano de significante, Lacan acentua sua autonomia. No sentido psicanalítico, o significante é separado do referente, mas definível além de qualquer articulação com o significado; o que o algoritmo lacaniano permite escrever é a existência de uma barra que afeta o sujeito humano devido à existência da linguagem e que faz com que, falando, ele não saiba o que diz. A própria possibilidade do inconsciente é condicionada pelo fato de que um significante pode insistir no discurso de um sujeito, sem estar associado à significação. (CHEMAMA, 1998, p. 396-397).

Sendo concebido como autônomo em relação à significação, o significante pode assumir uma função diferente daquela de significar: a de representar o sujeito e determiná-lo. Assim, segundo Lacan, “um significante é o que representa o sujeito para um outro significante”.

Nasio (1992, p. 21-22) lembra que um lapso, um sonho, o relato de um sonho, um sintoma, um gesto, um som, até mesmo um silêncio também são manifestações que podem ser qualificadas como acontecimentos significantes desde que respondam a três critérios: o significante é sempre a expressão involuntária de um ser falante, isto é, não há intencionalidade nem saber consciente; um significante é desprovido de sentido; o significante é um entre outros significantes com os quais se articula. Saint-Drôme (1994, p. 184) corrobora: “não devemos nos deter

no significado enviado sob a barra, mas devemos encorajar o significante a fazer a cadeia, de acordo com o seguinte princípio: um significante remete sempre a outro significante”.

Essa prevalência dada ao significante e as demais características do texto laciano – o estilo “gongórico”, a extrema “manipulação sintática”, a variação linguística, a intertextualidade, as referências a um conhecimento enciclopédico potencialmente compartilhado, o empréstimo de conceitos de áreas distintas, as frases inconclusas, as inflexões, a pontuação duvidosa, posto que sujeita à interpretação de seus ouvintes, o “delírio do significante”, a abundância neológica – vão acarretar dificuldades para o “estabelecimento” do texto em língua francesa, impedindo, até nossos dias, um consenso em torno de inúmeros conceitos e termos. Tais dificuldades se amplificarão na tradução, que enfrentará, além do mais, outros tipos de problemas. Por exemplo, que solução dar a essa sintaxe ímpar ou a cada um dos neologismos criados, mimeses do inconsciente?

Por considerar o lugar dos neologismos central na teoria laciana, e sem ignorar as demais questões, este trabalho ilustrará a dinâmica de sua criação.

#### 4. A CONSTITUIÇÃO DOS NEOLOGISMOS LACIANOS

Nos *Seminários* lacianos, a derivação – acréscimo de um afixo a uma palavra-base, com atribuição de um sentido acessório – é o processo mais produtivo de formação de neologismos; identificamos 124 neologismos assim formados, divididos em derivação sufixal, prefixal e parassintética. Na maioria dos casos, preenchem uma lacuna vocabular e uma necessidade estética, cumprindo respectivamente as funções denominativa e estilística.

Na derivação sufixal, encontram-se formações a partir dos sufixos variados: *-ité/-éité, -itude, -ade e -aison*, como em *internité, objectalité, tertiarité, toricité, dangéité, -itude*, como em *intactitude, strictitud ou omnitude*. Por vezes, a criação busca arcar com uma nova noção: o neologismo *personnaison*, formado a partir de *personne* e de *-aison*, ilustra para Lacan (1956), “*la façon dont le sujet dit ‘Je’ ou dit ‘moi’, ou dit ‘tu’, ou dit ‘il’*” e se contrapõe aos substantivos *personnalisation* e *personnification*. O mesmo se dá com *jouissance*, formado a partir da base verbal *jouir*, seguida do sufixo *-ade* que, entre outras possibilidades, forma substantivos que exprimem uma noção de conjunto ou de elemento de um grupo e numerais, tais como *décade, dyade, triade*. Enquanto a noção expressa por *jouissance* significa a ação de *jouir* e o estado daquele que *jouit*, *jouissance* se refere a uma díade que tem o bebê e a mãe como elementos.

Há também inúmeros casos de verbalização de substantivos por meio do sufixo verbal *-er* – *âmer, chariter, dialectiquer, dimenser, isologier, métalangagier, métalanguer, potiérer, réminiscer, sавanter, tétraédrer* – ou do sufixo verbal *-iser* – *concentriser, aniser, histrioniser, originaliser, titriser*, que se associa a nomes, adjetivos e radicais latinos, com predominância da função denominativa.

Essa mesma função, com atribuição de um traço pejorativo à nova palavra, é também o que determina a criação dos itens *éventailier, plumaille* e *portioncule*. No primeiro caso, o substantivo *éventail*, que encerra a noção de leque em sentido próprio e de conjunto de possibilidades em sentido figurado, recebe o sufixo *-ailier*, para indicar uma frequência negativa. Do mesmo modo, o sufixo *-aille* imprime um valor coletivo pejorativo a *plume*, em *plumaille*, assim como o sufixo *-cule*, atribui um valor diminutivo pejorativo à palavra *portion*, em *portioncule*.

Basílio (2004, p. 74-75) lembra que a pejoratividade é o caso por excelência da expressão da atitude subjetiva em relação ao enunciado ou a alguma de suas partes e dá como exemplos os palavrões e os diminutivos pejorativos em português. Na língua francesa, os sufixos *-aille/-ailier* e o sufixo diminutivo *-cule* exprimem essa atitude de depreciação em relação ao objeto; é então para marcar essa depreciação que Lacan recorre a eles.

Também a partir de bases verbais e adequando-se ao enunciado, utilizam-se os sufixos: *-ure*, indicativo de conclusão de um processo, *-age*, cujos derivados exprimem a ação em si, e *-ance*, como em *failure*. Segundo Pélissier (2002, p. 41), esse neologismo deriva do verbo inglês *to fail*, que significa falhar, faltar, o que classificaria esse neologismo como um empréstimo externo, mas também é possível que se origine no verbo *faillir*. Ressalte-se também a relação de homonímia entre *failure* e *fêlure*, fissura, falha.

Nos casos de adjetivação, encontramos adjetivos derivados de nomes próprios ou comuns (como em *bonne*), a partir do acréscimo do sufixo *-ique*, que indica o que é próprio a alguém ou a algo, usado principalmente em adjetivos científicos, do sufixo *-ien*, que indica a origem, e do sufixo *-iste*, que marca a adesão a algo: *archimédique, hamlétique, piagétique, pilatique, anaxagorique, bonnique, karéninien, masochien, morganiem, picassien, séglassien, péguyste*.

Tal função de terminologização norteia igualmente a criação dos substantivos *cosmisme* (de *cosmos*) e *plagiarisme* (de *plagiat*), que, ao receberem o sufixo determinante de doutrina ou sistema, *-isme*, assumem um traço terminológico.

A criação dos advérbios *unitivement* e *famillionairement* é motivada por uma necessidade de adequação ao contexto. No primeiro, formado a partir do adjetivo *unitif*, que significa algo que tende a unir, e do sufixo *-ment*, único produtivo no

francês atual para a formação de advérbios, também se verifica um efeito estilístico, produzido pela aliteração do verbo e do advérbio [*“Éros en tant qu’il unit unitivement”*]. Quanto a *famillionairement*, lembremos que parte da palavra-valise alemã *famillionär* [*familiär + Millionär*], cunhada por H. Heine e citada por Freud. Lacan se apropria da palavra e a faz sofrer um processo de derivação, transformando-a em um advérbio de modo.

O processo de derivação prefixal não é muito produtivo nos *Seminários*: encontramos apenas 20 neologismos. Cabe lembrar, com Basílio (2004, p. 67-68), que a prefixação, juntamente com a composição, encontra-se entre os casos em que se nota uma função puramente semântica de formação de palavras, considerando que a adição de prefixos não muda a classe das palavras-base e nem mesmo estabelece subclasses, na maior parte dos casos.

Essa afirmação pode ser constatada pelos neologismos *déconnaissance*, *défusion*, *désétagement*, *dé-sens*, *désêtre*, *illecture*, *inhabitant*, *asexe*, *assignifié*, *athérapie*, formados por prefixos indicativos de negação ou de oposição *des-/dé*, *il-/in-* e *a-*, que correspondem quase à metade dos neologismos prefixados. Essa constatação corrobora a afirmação de Pélissier (2002, p. 120), segundo a qual “Lacan prefixa muito menos do que sufixa e sobretudo para privar”, ou seja, para marcar a oposição.

Em *déconnaissance*, Lacan estabelece uma analogia com o substantivo *commerie* e com o verbo *déconner*, subjacentes à negação do conhecimento. Além disso, o contexto parece sugerir uma atitude lúdica em relação à língua, acentuando igualmente uma função estilística.

Para que se considere que uma palavra responde ao processo de formação parassintética, é necessária a adição simultânea do sufixo e do prefixo à base. Trata-se de um processo complexo de formação (BASÍLIO, 2004, p. 45), não só morfológicamente, mas também semanticamente, já que acopla a função semântica do prefixo com a função sintática e/ou semântica do sufixo.

Foram encontrados quatro casos de formação parassintética nos *Seminários*: os parassintéticos nominais (GREVISSE, 1959, p. 105) *délibidination* e *rejuvenation*, o parassintético verbal *empersonner* e o advérbio *inexteillardement*. No caso dos substantivos, estamos em presença da função denominativa, através do sufixo *-ation*, e da função semântica, através dos prefixos *dé-* e *re-*, marca de oposição e de repetição respectivamente. Vale observar que, em *délibidination*, a função de resultado de uma ação ou de um processo conferida pelo sufixo *-ation* é contrariada, de certa forma, pelo prefixo *dé-*, dotado de um significado opositivo. O neologismo *inexteillardement* é criado a partir de um nome próprio – Teilhard de Chardin –, do sufixo formador de advérbios de modo *-ment*, e do prefixo de negação *in-*, que parece, a exemplo de *délibidination*, contrariar a noção conferida pelo sufixo.

O conjunto das palavras-valise – formadas pela união de duas ou mais palavras com supressão no início, meio e fim – forma o segundo conjunto mais numeroso de neologismos lacanianos.

Do ponto de vista formal, e de acordo com a classificação proposta por CLAS (1987), as palavras-valise lacanianas subdividem-se em função do lugar respectivo das aféreses (supressão no início de uma palavra), das apócopas (supressão no fim de uma palavra) e das síncope (supressão no meio de uma palavra). Há combinações em que se suprime o final do primeiro elemento e o início do segundo: *injet*: INstinctuelle + objET; *affreud*: AFFREUx + freuD; *âmoreux*: Âme + aMOUREUX; *amourir*: AMOUR + mourIR; *anifíciel*: ANus + orIFICIEL; *amistoter*: ÂNe + arISTOTE + -er; *anna-freudonner*: ANNA-FREUD + fredONNER; *entropie*: ANTH- + entrOPIE; *autrucher*: AUTRe + austrUCHE + -er; *circulature*: CIRCULARité + quadraTURE. Encontram-se também ocorrências de apócope simples, quando se mantém intacto o segundo elemento – *ajoyce*: Affreud + JOYCE *aléthosphère*: ALÉTHéia + (O) + SPHÈRE *âmoralité*: Âme + MORALITÉ *appensée*: APpui + PENSÉE *archéophélie*: ARCHÉologie + OPHÉLIE –, ou de aférese simples, com o primeiro elemento intacto, como em *Çade*: ÇA + Sade; *corps-de*: CORPS + corDE; *corps-sistance*: CORPS + subSISTANCE; *dieu-lire*: DIEU + déLIRE; *dit-mension*: DIT + dimension; *lacanalyste*: LACAN + anALYSTE; *muroir*: MUR + miROIR. Ou ainda casos de síncope e apócope – supressão no meio do primeiro elemento e no final do segundo – *condansation*: CONDensATION + DANse e *aphliger*: AffLIGER + Phallus.

Conforme nos ensina Grésillon (1984, p. 26), há a possibilidade de uma relação semântica entre os constituintes da palavra-valise, mais evidente em alguns casos do que em outros. Encontramos seis tipos de relações semânticas: sinonímia (*anifíciel/orifíciel*); antonímia (*extime*: extériorité/intime, *extimité*: extérité/intimité; *hainamoration*: haine/amour); homonímia, (*âmoralité/amoralité*, *âmoreux/amoureux*, *anthropie/entropie*, *aphliger/affliger*, *çade/Sade*, *condansation/condensation*, *dit-mension/dimension*, *é-pater/épater*, *étourdit/étourdi*, *hontologie/ontologie*, *hystorique/historique*, *parêtre/paraître*, *photeuil/fauteuil*, *raie-sommer/résonner*); paronímia, (*archéophélie/archéologie*, *merdeuil/merteil*, *poubellication/publication*, *poubellique/publique*, *rhétifer/rectifier*); analogia, palavras criadas a partir de um modelo preexistente (*circulature/quadrature*, *corps-sistance/consistance*; *cosméticuleuse/méticuleuse*; *déjet/déchet*; *dis-corps/discours*; *élangue/élation*; *é-pater/épater*; *étourdit/étourdi*; *hainamoration/énamoration*; *horsexé/horla*; *lalanglaise/lalangue*; *polylinguisterie/linguisterie*; *raie-sommer/résonner*; *sexuilatence/sexuisemblance*); e proximidade de campo semântico: neste caso, as palavras não pertencem ao mesmo campo semântico, mas há interseção de sentidos. Por exemplo, o substantivo *mirage* refere-se a um fenômeno óptico ou a uma aparência enganosa, que leva a uma ilusão; o adjetivo *imaginaire* refere-se

a algo criado pela imaginação, que também pode levar a uma ilusão. Observe-se, também, que *miraginaire* pode ter sido criado em analogia com o adjetivo *miragineux, -euse* referente a *mirage*, considerado raro e literário.

Ressaltamos ainda que algumas palavras-valise podem encerrar mais de uma relação semântica. É o caso de *raie-sommer* (homonímia e analogia), *bainamoration* (antonímia e analogia), *épater* (homonímia e analogia), *étourdit* (homonímia e analogia).

Também estão presentes casos de composição – justaposição de bases autônomas ou não-autônomas, revelando um caráter sintático, coordenativo ou subordinativo – como *acause: (objet) a + cause*; *achose: (objet) a + chose*; *auteur-stop: auteur + stop*; *désirpas: (dés) + désir + pas*; *entre-deux-morts: entre + deux + morts* e *entredit: entre + dit*.

Porém, os neologismos mais criativos são as criações por associação; encontramos 33 nos *Seminários*. Isso não é de surpreender quando se conhece a produtividade neológica de Lacan. O que surpreende, em contrapartida, é o fato de que – malgrado a dificuldade de decodificação desse neologismo devido à sua novidade formal – algumas dessas criações superaram a etapa de uso específico em determinado momento e lugar e se transformaram em termos consagrados e assumidos como herança dessa teoria, como os termos *a(u)moinzin/hommoinzin* e *m'êtrise*. O que parece predominar nessas criações é a função analógica. Vejamos alguns exemplos.

O neologismo *âme-à-tiers* (que aparece no texto antecedido pelo artigo definido, *l'âme-à-tiers*) é homófono de *la matière*, sendo retomado 24 vezes por Lacan. Nele também se lê/ouve alma e terceiro. O neologismo *hommoinzin*, também grafado como *a(u)moinzin* – aqui, a letra *u* é tomada como sinal lógico da união, além de Lacan fazer referência ao objeto *a* –, parte de *au moins un* e condensa *homme moins un*, numa referência ao pai da horda primitiva, *l'au moins un*.

Algumas dessas criações partem de estruturas mais complexas, como frases inteiras que se transformam em uma única palavra, em geral um verbo ou substantivo. Assim, o verbo *gniakavoir*, criado a partir da redução da frase *il n'y a qu'avoir* para *nyaquavoir*, que se transforma, por correspondência fonética, em *gniakavoir*. A partir daí, abre-se a possibilidade de o verbo ser conjugado como qualquer outro. O verbo *jouljouer* é criado a partir da frase *je joue le jeu*, transformada em *jouljeu*, e dá origem ao verbo *jouljouer*. No entanto, observa Pélissier (2002, p. 51), deveria conjugar-se como o verbo *jouer* (*je jouljoue, tu jouljoues, etc.*), e não como Lacan propõe – *je jouljeux, il jouljeut* –, o que indica que ele leva a associação até as últimas conseqüências, assimilando-o também ao verbo *vouloir* (*je veux, tu veux*).

O substantivo *madaquinisme* é resultado de um complexo processo de transformação: parte de *saint Thomas d'Aquin* que, por assimilação com o também

neologismo *sinthome*, passa a *sinthomadaquin*; este, por sua vez, sofre uma redução e uma derivação (sufixo *-isme*, aqui indicador de pertencimento a uma doutrina), transformando-se no substantivo.

A neologia por empréstimo não é um processo de formação de palavras muito fecundo em Lacan; encontramos apenas cinco empréstimos externos e um interno. Fato curioso, quando se considera que ele faz referências constantes a línguas estrangeiras, sobretudo ao alemão e ao grego. Ao recorrer a outros sistemas linguísticos e ao acervo da língua francesa para criar novas palavras, aplica-lhe os processos de formação de palavras da língua francesa, como em *récessus*, *kalimeros*, *splitter*, *striger*, *triber*.

O único empréstimo interno repertoriado nos *Seminários* é o termo *sinthome*, um dos conceitos centrais da teoria lacaniana, e cuja origem é explicada pelo próprio Lacan, como vimos acima.

Há dois tipos de decalques em Lacan. Primeiramente, aquele descrito na literatura: “a versão literal do item léxico estrangeiro para a língua receptora” (ALVES, 1994, p. 79), que chamamos de lexical para distingui-lo daquele que, partindo igualmente de outro sistema linguístico, produz uma nova palavra – que segue as regras de formação da língua de chegada – calcada no som da palavra original. É o decalque fonológico. Assim, para formar o neologismo *quintéité*, em língua francesa, Lacan recorre à palavra alemã *Fünfheit* [qualidade de cinco] e a traduz literalmente, através da união do elemento latino *quintus* [quinto] e do sufixo *-éité*, indicativo de qualidade. O decalque fonológico parte igualmente de uma palavra oriunda de outro sistema linguístico, mas, ao invés de propor sua tradução literal, ele produz uma “tradução” calcada no som da palavra original. É o caso de *couinée*: oriunda da palavra grega *koinè*, significa a língua comum falada e escrita pelos gregos antigos. Lacan cria, assim, uma homofonia entre essa palavra e o verbo francês *couiner*.

Encontramos dois neologismos semânticos, em que palavras da língua geral assumem novo significado. No caso do adjetivo *secondé*, Lacan parte do verbo virtual *\*seconder*, criado a partir de *second*. Trata-se de um verbo virtual porque o verbo *seconder* existente na língua francesa não se refere à palavra *segundo*, unidade de medida de tempo, mas significa auxiliar, assistir alguém. Do mesmo modo, a língua francesa registra o verbo *panser*, que pode significar tratar alguém com curativos, acalmar, aliviar, mas também alimentar fartamente. Aqui, Lacan estabelece uma associação com o verbo *penser* [pensar] e com o substantivo *panse* [pança].

Por fim, na única ocorrência de lexicalização de nome próprio encontrada – *flatulencelière* –, Lacan torna comum o nome próprio Flacelière, associando-o à

palavra *flatulence*, e põe em ação sua teoria sobre o significante: “Eu sempre ensinei a vocês que são os significantes que criam os significados”.

## CONCLUSÕES

Da análise dos aspectos formais dos neologismos lacanianos, pode-se concluir pelo predomínio dos processos de derivação e de composição (em que se incluem as palavras-valise), que correspondem aos padrões de formação de palavras por afixos e apontam para uma certa regularidade na criação neológica.

A inovação efetiva se revela nas criações por associação. Como vimos, não se trata de novidades formais absolutas, visto que partem de locuções ou frases existentes. Nesse processo, em que Lacan se vale do recurso de escrever com base na fonologia para criar “palavras fonológicas”, essas criações só poderão ser decodificadas se o receptor resgatar as analogias que elas estabelecem. É o que se vê no verbo *diffâmer*, por exemplo, no qual se imbricam nada menos do que cinco significados: *femme*, *âme*, *diffamer*, *différencier* e *infamie*.

Os outros processos – empréstimos, decalques, neologismos semânticos e lexicalização de nome próprio – são pouco produtivos em relação ao conjunto das criações. No que tange aos empréstimos, cabe observar que, embora Lacan ilustre abundantemente seus *Seminários* com palavras do latim, italiano, inglês e, sobretudo, do alemão e do grego, o que se poderia em sentido amplo considerar como empréstimos, ele o faz sem adotá-las efetivamente, visto que servem apenas a uma necessidade pontual de ilustração.

Quanto às funções dos itens neológicos repertoriados, prevalece a função denominativa. Ao propor outros vieses de leitura para a obra freudiana, Lacan cria novos conceitos/significados, que demandam novas palavras/significantes. Todavia, vale lembrar que a maioria dos neologismos não é retomada nem mesmo pelo próprio Lacan, restringindo-se a uma única ocorrência. Se considerarmos a exuberância neológica de Lacan, o número de criações – não mais que vinte – que sobreviverá aos *Seminários* e se perpetuará no discurso de seus discípulos é pequeno.

Quer nos parecer, entretanto, que o psicanalista não se entrega à inovação lexical apenas para preencher uma lacuna denominativa. Ele também o faz, e talvez, antes de tudo, para causar uma impressão no receptor, levando-o a reagir a inusitados efeitos de língua. Por essa razão, acreditamos poder afirmar que se trata também de uma neologia lúdica e que a função estilística perpassa todo o processo de criação de neologismos. Em alguns casos, isso é mais evidente, como na lexicalização do

nome próprio; em outros, essa intenção estética permanece em filigrana. Lacan cria, através dos neologismos e de uma estrutura sintática diferenciada, uma nova maneira de dizer a psicanálise.

Também na busca de adequação sintática, percebe-se a observância dos padrões de regularidade. De fato, os neologismos criados para se adaptar ao contexto frasal obedecem às regras usuais de formação da língua francesa. Isso significa que, ao contrário do que geralmente se pensa e afirma, Lacan não subverte, mas respeita, *a priori*, as regularidades da língua no que toca à criação lexical, não se entregando a um jogo totalmente arbitrário com o significante. Nessa busca de inovação, orienta implícita ou explicitamente o receptor, de modo que os constituintes de suas criações neológicas sejam identificados. Em alguns desses neologismos, somente o registro escrito – soletrado ou escrito no quadro-negro na maioria das vezes – permite a perfeita decodificação do jogo de linguagem. É o caso das criações homônimas, como *failure/fêlure* ou *hontologie/ontologie*. Em outras palavras, embora busque causar um efeito sobre seu interlocutor, não abre mão de propiciar-lhe as condições para decodificação de suas inovações lexicais, explicitando os passos da criação.

Por fim, pode-se igualmente afirmar, haja vista o número significativo de itens que recorre à analogia, independentemente de suas propriedades formais, que o processo de criação de um neologismo a partir de um modelo preexistente – palavra, termo ou expressão – subjaz a toda a prática neológica lacaniana. Tal tipo de criação, que não deixa de lembrar, guardadas as diferenças, o método de associação livre, constitutivo da psicanálise, vai-se revelar uma das grandes dificuldades do trabalho de tradução. De fato, além de responder às questões formais e funcionais levantadas por cada um dos itens neológicos, caberá ao tradutor a tarefa de buscar um equivalente em que estejam presentes todas as cadeias de relações.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, I. M. (1994) *Neologismo. Criação lexical*. São Paulo: Ática.
- ALLOUCH, J. (1984) Lacan censuré. Traduction de Freud, Transcription de Lacan. In: *Littoral*, Paris, n. 13, p. 109-120.
- ARNOUX, D. (1984) Sur la transcription. Traduction de Freud, Transcription de Lacan. In: *Littoral*, Paris, n. 13, p. 79-85.
- ARRIVÉ, M. (1999) *Linguagem e psicanálise, lingüística e inconsciente: Freud, Saussure, Pichon, Lacan*. Tradução Lucy Guimarães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BASÍLIO, M. (2004) *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática.

- CAMPOS, H. de. (1995) O afreudisiaco Lacan na galáxia de lalíngua (Freud, Lacan e a escritura). In: CESCROTTO, César (Org.). *Idéias de Lacan*. São Paulo: Iluminuras,
- CHEMAMA, R. ; VANDERMERSCH, B. (1998) *Dictionnaire de la psychanalyse*. Paris: Larousse-Bordas.
- CLAS, A. (1987) Une matrice terminologique universelle: la brachygraphie gigogne. In: *META*, v. 32, n. 3, p. 347-355.
- CLÉRO, J-P. (2002) *Le vocabulaire de Lacan*. Paris: Ellipses.
- GRÉSILLON, A. (1984) *La règle et le monstre: le mot-valise: interrogations sur la langue, à partir d'un corpus de Heinrich Heine*. Tübingen: Niemeyer.
- GRÉVISSE, M. (1959). *Le bon usage. Grammaire française avec des remarques sur la langue française d'aujourd'hui*. 7<sup>e</sup> éd. Gembloux/Paris: Duculot/Paul Geuthner.
- LACAN, J. (1966) *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998
- \_\_\_\_\_. (1964-1965) *Les Problèmes Cruciaux pour la Psychanalyse*. Publication hors commerce. Document interne à l'Association freudienne internationale et destiné à ses membres.
- \_\_\_\_\_. (1973) *Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Paris: Seuil.
- \_\_\_\_\_. (1965-1966) *L'objet De La Psychanalyse*. Publication hors commerce. Document interne à l'Association freudienne internationale et destiné à ses membres.
- \_\_\_\_\_. (1975-1976) *Le Sinthome*. Publication hors commerce. Document interne à l'Association Freudienne et destiné à ses membres.
- \_\_\_\_\_. (1955-1956) *Les Structures Freudiennes Des Psychoses*. Publication interne de l'Association freudienne internationale.
- \_\_\_\_\_. (2001) A Terceira. Tradução Ferretto et al. *Cadernos Lacan*, Porto Alegre, v 2, p. 61.
- MELMAN, C. *Séminaire XV du 14 mars 2002*. Document interne. Association lacanienne internationale.
- NASIO, J.-D. (1992) *Cinq leçons sur la théorie de Jacques Lacan*. Paris: Payot e Rivages.
- OSÉKI-DEPRÉ, I. (2004) La traduction portugaise des *Écrits* de Jacques Lacan. In: *Marges linguistiques*, n. 8.
- PÉLISSIER, Yan et al. (2002) *789 Néologismes de Jacques Lacan*. Paris: EPEL.
- PILLA, É. H. *Os Neologismos do Português e a Face Social da Língua*. Porto Alegre: AGE, 2002. 104 p.
- REUILLARD, P.C.R.. (2007) *Neologismos Lacanianos e Equivalência Tradutórias*. Tese de Doutorado em Estudos da Linguagem. Instituto de Letras, UFRGS. Porto Alegre.
- ROUDINESCO, E. (1994) *Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras.
- ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. (1998) *Dictionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- SABLAYROLLES, J.-F. (2000) *La néologie en français contemporain: examen du concept et analyse des productions néologiques récentes*. Paris: Honoré Champion.
- SAINT-DRÔME, O. (1994) *Dictionnaire inespéré de 55 termes visités par Jacques Lacan*. Paris: Seuil.

SAUSSURE, F.de. (1916) *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1995.

VANIER, A. (1996) *Éléments d'introduction à la psychanalyse*. Paris: Nathan.

Recebido: 15/09/2011

Aceito: 24/10/2011